

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: **Carlos Malheiro Dias** — DIRECTOR ARTÍSTICO: **Francisco Ceixeira**

Assignatura para Portugal, colónias e Hespanha

Assignatura conjunta do Seculo, do Supplemento, Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa

ANNUAL 48000
 SEMESTRAL 24000
 TRIMESTRAL 18000

ANNUAL 85000 Trimestre 28000
 SEMESTRAL 48000 Mez (em Lisboa) 7000

PORTUGAL, COLÓNIAS E HESPANHA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — **Rua Formosa**

EDITOR — **José Joubert Chaves**



Summario

O REI DE SAXE.—S. M. EL-REI no salão da «Illustração Portuguesa», com 4 illust.—A «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» ENTREVISTA A PRINCEZA MATHILDE, com 2 illust.—ESTUDANTES E LENTES, com 10 illust.—A CASA DOS DUQUES DE CADAVAL, com 7 illust.—EXISTIRA A PHOTOGRAPHIA DE CHRISTO? com 13 illust.—VISITA DO PRINCEPE DE HOHENZOLLERN A ESCOLA DO EXERCITO, com 5 illust.—COMO SE PEGA UM TOURO, com 15 illust.—A FESTA NO QUARTEL DE MARINHEIROS, com 24 illust.

Comprem as

Sedas Suissas

Pegam as amostras das nossas sedas, novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas:

Echizen, tafetás de lustro, Loulaine para de dia. *Musso'ina* 120 cm. de largura des te fr. 1,25 o metro, em preto, braco, liso e planta-la, assim como blusas e vestidos em *batiste bordado*. Vendemos as nossas sedas e as todas as novidades de particular e fração de porte ao domicilio.

Schweizer & C.^o
LUCERNE Z. 19 (SUISSA)
Exportação de sedas



O passado, presente e futuro revelado pela mais colorida e chiromante e physiionomista da Europa, Madame Broullard



Diz o passado e o presente e prevê o futuro, com veracidade e rapidez; e conhece as sciencias, chiromancias, phrenologia e physiionomia e nelle applica as praticas e theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lamoignon, d'Arpenigney. Madame Broullard percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos milhares de clientes da mais alta cathedra, a qual predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e castelhano.

Da consultas diaria: das 9 da manhã as 4 da tarde, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 1\$000, 2\$500 e 5\$000 réis.

Violet SABÃO REAL DE THRIDACE
PARIS Sabão "Velouté"
MARCA: primeiramente p.^o Hygiene da Pele e Alveola do Bico.

PRINCIA NOUVEAU PARFUM VIOLET
29, B^o des Italiens, PARIS

CHRONOMETRO

ZENITH

MELHOR RELOGIO EM OURO PRATA E AÇO.

Grand Prix de Paris de 1900

A VENDA EM TODAS AS RELOJARIAS E OURIVERSARIAS

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS

Companhia do papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobretinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermito (Louza), Valle Maior (Hibergaria a-Velha).

Installadas para uma produção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papéis de escripta, de impressão e de embrulho.

Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma.

Lisboa — 270, Rua da Princesa, 278
Porto — 49, Rua de Passos Manuel, 51

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: Lisboa, Companhia Prado
Prado — Porto — Lisboa — NÚMERO TELEPHONICO: 508

UNION MARITIME E MANNHEIN

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union y el Fenix Español, rua da Prata, 59, 1.^o, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusive o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa:

LIMA MAYER & C.^o
RUA DA PRATA, 59, 1.^o — Lisboa

SEDATIVO BEIRÃO
ANTI-DYSMENORRHEICO
Avenida da Liberdade, 167



O rei Frederico Guilherme de Saxe

Sua Magestade EL-REI

no SALÃO da

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

SUA magestade El-Rei dignou-se honrar com a sua augusta presença o salão de festas da *Illustração Portuguesa*, onde veio visitar a exposição da obra de Raphael Bordallo Pinheiro.

Recebido á porta do edificio do *Seculo* pelo seu proprietario e director sr. Silva Graça, por Manuel Gustavo, o filho do grande artista morto e organisador da exposição, e pela direcção e redacção da *Illustração Portuguesa*, El-Rei subiu até ás nossas salas onde demoradamente percorreu todas as installações da exposição. El-Rei, que é um alto espirito de artista, admirou todos os especimens da ceramica das Caldas a que Raphael Bordallo, com o seu genio tão impressivo e tão imprevisito, deu um impulso intenso de arte e de vida, assim como, folheando os albuns do eminente artista, elogiou o trabalho de Raphael, que era, n'esse tempo em que a photographia não tinha invadido ainda todos o aspectos da sociedade portugueza, uma formula de arte muito difficil de realisar.

N'este genero, um dos albuns mais interessante da collecção é o que contém a reportagem do enterro de D. Fernando, uma serie de figuras cheias de vida e flagrantes de verdade, que El-Rei examinou com demorada attenção, observando que possuia tambem varios albuns em que tomava os seus apontamentos do natural, e preferia habitualmente esses desenhos, mais suggestivos, á photographia. A serie de *croquis* da guerra carlista, que constituem notas da reportagem graphica de Raphael para uma illustração ingleza, despertaram tambem a mais viva curiosidade a sua magestade.

—Hoje só os desenhadores inglezes usam fazer o *croquis* do natural, em todas as phases flagrantes da vida moderna exterior, disse sua magestade.



A porta do *Seculo*—Sua magestade El-Rei sahindo do automovel para visitar a exposição Bordallo Pinheiro



A' porta do *Seculo*—Sua magestade El-Rei entrando no automovel depois de ter visitado a exposição Bordallo Pinheiro

Parando defronte do retrato de Raphael esquissado pelo grande pintor inglez Sargent, El-Rei commentou:

—E' o primeiro pintor retratista da actualidade.

E', em verdade, o primeiro e o menos accessivel. Em Portugal raras serão as pessoas que tenham o seu retrato pintado por Sargent.

Sua magestade, que se demorou meia hora no salão da *Illustração Portuguesa*, felicitou Manuel Gustavo pelo brilho da exposição da obra de seu pae e teve palavras de elogio para o director do *Seculo* pela magnifica sala que foi feita expressamente para festas e certamens artisticos.

El-Rei foi acompanhado até á porta do edificio pelas mesmas pessoas que o tinham recebido e assistido á visita.



Sua magestade, El-Rei visitando a exposição de Raphael Bordallo Pinheiro no salão da *Ilustração Portuguesa*

A "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"

ENTREVISTA

A PRINCESA MATHILDE DE SAXE



Sua alteza real a princesa Mathilde de Saxe retirou de Lisboa no dia 5 de março, depois de uma permanência de quinze dias em Portugal. Tendo visto tudo, com uma curiosidade sempre excitada e amável, dizia-se que sua alteza levava do nosso paiz a mais agradável e perduravel impressão. Para colher da bocca da princesa Mathilde a sensação que os nossos monumentos e as nossas paisagens tinham produzido no seu alto espirito, a *Illustração Portugueza* enviou junto da augusta visitante um dos seus redactores, que d'essa ligeira «interview» nos dá um flagrante *compte-rendu* em que sua alteza real nos apparece como uma verdadeira amiga dos portuguezes, grande admiradora de tudo o que viu na patria de sua augusta mãe, a infanta D. Maria Anna

E' na *terrasse* envidraçada do *chalet* de sua magestade a Rainha D. Maria Pia, no Mont' Estoril, que nós conversamos alguns breves e encantados minutos com sua alteza real a princesa Mathilde de Saxe.

Estende-se em baixo, a perder de vista, de um azul tranquillo e luminoso, o mar. E' um pôr de sol sumptuoso, que faz brilhar nas velas longinquas os derradeiros reflexos d'ouro; e, á roda de nós, uma serenidade discreta começa a envolver arvores e aguas.

Sua magestade gentilmente faculta ao redactor e ao photographo da *Illustração Portugueza* a entrada em sua casa: — não se desmente, mais uma vez, a bizarra fidalguia da Rainha Mãe, a grata affabilidade do senhor infante D. Afonso, que nos proporcionam ensejo de ouvir da bocca da princesa Mathilde o relato das suas impressões.

A augusta filha da infanta D. Maria Anna, irmã d'El-Rei D. Luiz, vinha pela primeira vez á terra que ouviu os primeiros alegres murmúrios infantis de sua mãe. O que sentiria o seu coração? Que sensação experimentaria o seu alto espirito feminino ao contacto directo com portuguezes, na contemplação das doces e macias paisagens da nossa terra, á vista dos seus monumentos historicos que eocam um passado glorioso e triumphal?

Querendo acompanhar de perto os mais palpitantes acontecimentos não podia ser indifferente á *Illustração Portugueza* uma opinião tão auctorisada e, principalmente, sendo ella transmitida pela bocca de uma senhora de tão alta estirpe, que ainda tem, bem proximos, laços de sangue com a nossa raça aventureira e sonhadora.

Sua alteza real relembra algumas phrases, rapidamente trocadas no decorrer das suas visitas a varios pontos da cidade.

— E' sempre a mesma impressão, depois de tudo o que vejo e tudo o que admiro: é uma terra encantadora todo este Portugal. Tive occasião de ver de perto a alma do povo. E' muito respeitador e muito cordeal.

Encostada ao parapeito da *terrasse*, a princesa Mathilde corre os olhos de um azul muito vivo, ligeiramente humido, sobre a immensidade das aguas que se estendem por baixo de nós.

— Quando entrei a barra e vi este panorama de lumbrante, esta cinta da costa toda verde, sem os *chalets* alegres, senti logo que devia amar um terra de tanta luz e de uma temperatura tão macia.

Sua alteza interessou-se pelas coisas mais modestas que os seus olhos percorreram, com uma curiosidade nunca satisfeita. Atravessou Alfama, que achou de um pittoresco flagrante.

— A pé... E' como se pode vêr melhor a vida activa de um paiz e tocar alma com alma o seu sentimento e as suas aspirações.

A princesa é uma amadora entusiastica da photographia. Leva para Saxe dezenas de *clichés* de pontos da cidade que encontrou mais curiosos, e de recantos de paisagem e de monumentos que viu durante as suas excursões de automovel pelo paiz.

— Oh! E' tudo um encanto e uma maravilha. Me se me é licito ter preferencias dir-lhe-hei que foi o Thomar que trouxe a mais risonha e profunda impressão.

E sua alteza accrescenta:

—E' possível que n'esta sensação entre em grande conta a recepção que alli me fizeram e, sobretudo, a solicitude com que me mostraram todas as bellezas naturaes e artisticas da terra. Mas — que quer — todos nós nos prendemos ao encanto do que nos cerca; e ás vezes vale mais uma phrase amavel dita a tempo, um gesto, um movimento de discreta attenção do que o maior monumento d'este mundo. N'este caso, a observação não é precisamente exacta, porque o convento de Christo é digno de vêr-se e de admirar-se, mesmo por quem já tenha visto e admirado muita coisa boa.

O photographo da *Illustração Portuguesa* pede um minuto de attenção. Tem preparada a sua machina a um canto da galeria e, com o panno negro pela cabeça, começa a focar a objectiva.

O senhor infante D. Affonso observa que já não haverá luz sufficiente. Não importa: — far-se-ha luz de *même*, com a complacencia gentilissima de sua magestade a Rainha, que do melhor grado se presta a *pousar* para a nossa revista.

E' um abrir e fechar d'olhos.

A Rainha Mãe resolve ao interior do *châlet*. Está preparado o *tea* que, sua magestade offerece á princeza Mathilde.

Trocamos ainda algumas palavras com sua alteza real, que é uma distincta aguarellista.

—Sei que vossa alteza desenhou hoje a aguarella no pateo do palacio de Cintra...

A princeza Mathilde sorri, com um ligeiro reflexo de malicia a luzir-lhe nos olhos.

—Os senhores sabem tudo. E' proprio da sua profissão... Desenhei, é verdade, como já desenhei outros pontos de vista de Portugal. Acabarei de retocar essas aguarellas no meu paiz assim como revelarei alli os *clichés* que tirei. Serei a mais activa propagandista d'esta bella e boa terra portugueza de que me despeço com infinita saudade.

—Podemos esperar que não seja esta a ultima vez que vossa alteza nos visite...

—Decerto, decerto... Tenho muitos desejos, muitos, de cá voltar...

E, como se um pensamento subito lhe tivesse occorrido n'aquelle momento, um pensamento fixado para nos revelar mas que, no decorrer da conversa, tivesse sido olvidado:

—Tanto mais que, em Portugal, me sinto tão bem como no meu proprio paiz. A lingua portugueza é para mim tão familiar como a lingua allemã. Aprendi-a com minha mãe, que tinha por ella um verdadeiro culto.

Este culto amavel pela nossa lingua, sente-o bem quem, no estrangeiro, entre a babelica confusão de fallas gutturras, a ouve imprevistamente. Dir-se-hia que é a propria alma da Patria que vem de tão longe ter connosco, acariciar-nos e lembrarnos que existe na terra um paiz de sonho e de ballada, onde o sentimento é tão intenso e tão vivo que se assemelha antes á vibração unisona das cordas de uma lyra de ouro.

O coração dos principes é tão impressionavel como o coração do povo. A infanta D. Maria Anna, ao deixar o palacio da sua mãe a rainha D. Maria II

para entrar n'uma cõrte estrangeira tão diversa da nossa, deve ter sentido a mais grata consolação da sua vida ensinando-a aos seus augustos filhos; e estes, aprendendo-a e, mais tarde, cultivando-a, terão presentido a indole da nossa raça carinhosa e hospitaleira, que sua alteza real a princeza Mathilde teve agora occasião de apreciar e palpitar de perto.

Apresentamos os nossos cumprimentos e o nosso vivo agradecimento a sua alteza real e ao sr. infante D. Affonso, em nome da *Illustração Portuguesa*.

E' quasi noite. Sobre a vasta bahia começa a cair a sombra; ponteiam-se de luz os pharoes da Guia e do Bugio; e é ainda sob a impressão das palavras da princeza de Saxe que nós temos de confessar, orgulhosamente, que isto é, em verdade, um recanto do Paraizo.



SUA Magestade a Rainha D. MARIA PIA, a Princeza MATHILDE DE SAXE e o Sr. INFANTE D. AFFONSO NA «TERRASSE» DO «CHALET» DO MONT'ESTORIL NO MOMENTO EM QUE a PRINCEZA DE SAXE RECEBEU o REDACTOR DA *Illustração Portuguesa*

ESTUDANTES E LENTES

A QUESTÃO DA UNIVERSIDADE



Os estudantes da Universidade insurgiram-se contra a reprovação plena de um seu camarada de estudos que se apresentou a defender as suas theses finais. Mais uma vez se dirime a eterna contenda entre lentes e estudantes. Coimbra, a velha cidade universitária, assume imprevisivelmente um aspecto revolucionário.

FACULDADE quintanistas e novatos, theologos e homens sisudos que se preparam para atacar de frente Minerva, a fecunda e veneranda mãe da Sciencia.



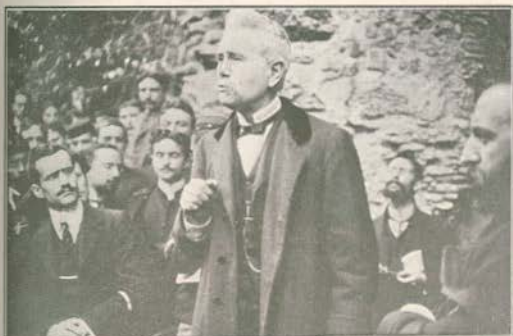
Esperando os acontecimentos—No Atheneu: Assistindo á conferencia do dr. Theophilo Braga



O uniform inquisitorial do alumno da Universidade transforma-se n'um collete de for



Um recanto do jardim do Atheneu durante a conferencia do dr. Theophilo Braga—Em que ficará tudo isto?



gas no conchego das *republicas* que de estrelas tem o céu.

Callou-se a *Cabra*; — e falou o decreto do governo. Intimidados a sahir de Coimbra dentro de 24 horas, os estudantes vieram n'um comboio especial até Lisboa, protestar junto dos poderes constituídos, arengar e gritar nas suas reuniões, applaudir Theophilo Braga n'uma prelecção de direito e, á noite, atirar com as capas aos pés da Fornarina e da Imperio — que fazem bem esquecer amarguras — e decretos!

O dr. Theophilo Braga fazendo a sua conferencia no Atheneu Commercial



Um aspecto do jardim do Atheneu, durante a conferencia do dr. Theophilo Braga

ças. Dentro do velho habito fradesco a alma juvenil e moderna palpitou n'um accesso de revolta e de indignação.

Toda a academia se levantou n'um grito. A gargalheira estrangulava-a, o fôro glacial e rigido da Universidade era um capacete de ferro que não a deixava respirar; o sangue corria-lhe nas veias menos impetuoso e menos generoso. Não é uma questão entre homens, é um combate entre factos. A quem pertencerá a victoria?

A vêtusta *Cabra* callou por agora o seu tintalhar monotonico, que fazia rogar mais pra-



Estudantes trocando impressões durante a conferencia do dr. Theophilo Braga



A chegada dos estudantes ao largo das Côrtes



Depois da conferencia do dr. Theophilo Braga—Os estudantes fazendo uma ovação ao eminente pensador



Em volta da estatua de José Estevão, no largo das Côrtes—Estudantes esperando a comissão que foi a camara dos deputados



Armas dos Duques de Cadaval

A CASA DOS DUQUES DE CADAVAL



Armas dos Montmorency-Luxemburgo

Na fixidez do deslumbramento surgem ás vezes figuras que pela grandeza da sua estatura encaçada pelo prisma da historia se impõem á nossa contemplação. Os nomes d'esses vultos grandiosos atravessaram altivamente os seculos, perpetuando na mentalidade dos povos as acções de extremado valor, os productos impereciveis do intellecto e as mais puras manifestações d'uma arte requintada. Esses nomes altisonantes compuzeram epopeias que são o orgulho d'uma nacionalidade!

Do valor dos grandes feitos considerados no campo da guerra resultou a nobreza, que era tanto maior quanto mais elevados elles eram. Por isso um razo disse algures um notavel escriptor que a genealogia é a historia a retalhos; e a historia o resultado da genealogia. Assim se engrandeceram as familias e, se bem que em Portugal a nobreza nunca assumisse o esplendor que teve em outras nações europeias, é certo comtudo que houve casas que fortemente se destacaram pela ostentação que mantiveram não só em Portugal, como ainda no estrangeiro.

Entre todas as familias do reino aquella que occupou o primeiro lugar foi a dos Duques de Cadaval, gosando de privilegios de que nenhuma outra havia gosado. Pelos seus cruzamentos illustrissimos, pode-se affoitamente affirmar que nas suas veias corre sangue da maior aristocracia da Europa.

Não recusaram os Montmorency dar aos Cadavaes filhas suas; do mesmo modo pensaram os Lorenas, que deram aos duques de Cadaval, por duas vezes, fidalgas da sua estirpe. Os exemplos d'estas duas casas foram seguidos pelos Moraes, condes de Altamira, Borjas, duques de Gandia, os Senhores de Ville Roy e muitas outras grandes casas da nobreza europeia. Em Portugal ligaram-se com os Mellos, de quem des-

cendem quasi todas as familias reaes pelo casamento de D. Leonor de Alvim com o Grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira; com os Almeidas, vice-Reis da India, «por quem sempre o Tejo chora»: com os Sousas, progenitores de Lopo Dias, Mestre da Ordem de Christo; com os Athaydes legitimos condes de Alougua e com tantas outras casas que deram ao paiz cavalleiros esforçados que esculpiram indelevelmente os seus feitos grandiosos nas paginas da nossa historia. O titulo de duque de Cadaval foi dado por El-Rei D. João IV a D. Nuno Alvares Pereira de Mello, que, por concessão dos reis passados, verificava já a 4.ª vida no titulo de marquez de Ferreira e a 5.ª no de conde de Tentugal.

A carta de mercê do Ducado de Cadaval tem a data de 26 de abril de 1648. O Marquezado de Ferreira e Condado de Tentugal havia principiado em D. Rodrigo de Mello (3.ª avô do 1.º duque de Cadaval) que foi sepultado em Evora no convento de S. João Evangelista. Era o filho primogenito de D. Alvaro, filho 4.º de D. Fernando 2.º duque de

Bragança, e de sua mulher D. Joanna de Castro.

Foi o 1.º duque de Cadaval muito querido dos principes estrangeiros e portuguezes, como claramente se deprehende do que diz D. Antonio Caetano de Sousa na Historia Genealogica da Casa Real Portugueza. Teve carta de Familiar do Santo Officio no anno de 1657, isto é, quando contava simplesmente 19 annos de idade. Casou tres vezes, sendo a ultima com a Princesa Margarida de Lorena, filha de Luiz de Lorena — Conde de Harcourt, Principe de Armagnac — e estribeiro-mór de Luiz XIV. D. Nuno Alvares Pereira de Mello morreu com 89 annos na madrugada de 19 de janeiro de 1727. A Gazeta de Lisboa pranteiou o seu fallecimentto evidenciando a imponencia.



Henrique de Sousa, 1.º conde de Miranda

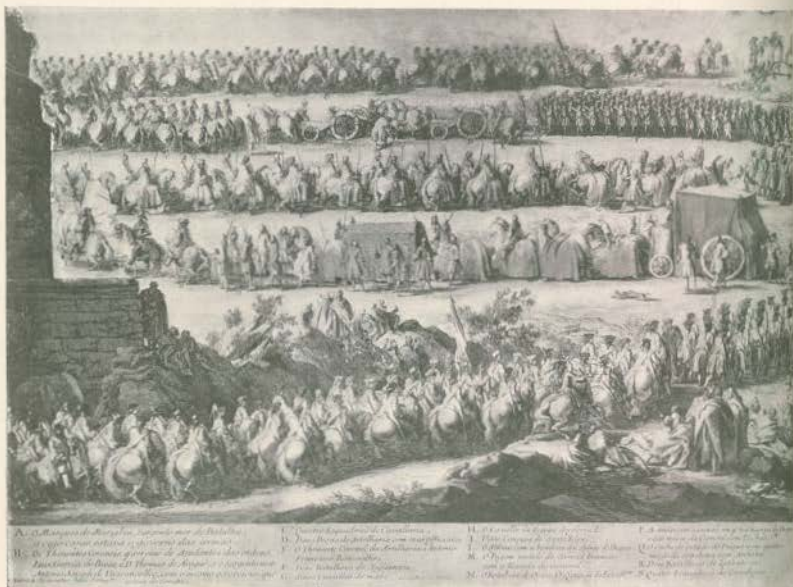
Henrique de Sousa, 1.º conde de Miranda 4.ª avô da 6.ª duqueza de Cadaval

dos seus funeraes. Durante 2 dias os sinos d'alguns mosteiros dobraram plangentemente. No dia do enterro, antes d'este se realizar, o duque D. Jayme, filho herdeiro, seguido de todos os parentes lançou sobre o fereiro agua benta, acompanhando seguidamente o cadaver até á porta, retirando-se quando o prestito se poz em marcha da maneira seguinte: *a frente 6 cavallos de mão, enlutados até aos pés levados por outros tantos palefreneiros tambem de lucto; seguia o conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante. Em 3.º lugar ia o alferes empunhando o guião que tinha as armas da Casa de Cadaval; logo a seguir io um pagem a cavallo com o corpo de armas e respectiva espada. Depois o estribeiro tambem de lucto seguido de seis lacaios com archotes de cera e finalmente o corpo do Duque entre oito moços de sua camara com tochas; e o seu coche e dois lacaios com archotes de cera ás portei-ras...* Seguiu o cortejo até ao Caes dos Mouros, onde o alferes que levava o guião o quebrou em pedaços...



O Duque de Cadaval (D. Nuno)
com 88 annos

O marquez de Marialva mandou então dar fogo á artilharia, a que se seguiram as torres de ambas as partes do Tejo. O castello de S. Jorge desde que o cortejo se pôz em marcha até 9 horas da manhã do dia seguinte disparava um tiro de quinze em quarto de hora. D'este modo, com estas honras se finavam os senhores da casa de Cadaval. Não menos sollemnes eram tambem as cerimonias dos seus casamentos. No dia 1 de agosto de 1820 celebraram-se em Lisboa na santa egreja patriarchal os desposorios do 6.º duque de Cadaval D. Nuno Cactano Alvares Pereira de Mello com D. Maria Domingas Francisca Clara Maxima Senhorinha Raphaela Gonzaga Joaquina de Bragança Sousa e Ligne, filha dos 2.º duques de Lafões. Reunidas para maior commodidade na quinta das Praas, pertencente ao marquez de Marialva, as brillhantes equipagens e comitiva sahiram por volta das 5 horas dirigindo-se á sobredita egreja, onde o principal, D. Estevão Telles da Silva, celebrou o acto assistido dos conegos D. José Maria da Cunha Grã e Athayde



A. O conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante. B. O conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante. C. O conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante. D. O conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante. E. O conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante. F. O conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante. G. O conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante. H. O conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante. I. O conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante. J. O conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante. K. O conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante. L. O conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante. M. O conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante. N. O conego de S. João Evangelista a cavallo com tochas e a sua cruz adiante.



Don Egas Gomes de Sousa

e D. Miguel da Cunha Grã e Athayde. Os noivos foram conduzidos da sala dos parâmetros para a capella-mór pelos mestres de cerimoniaes. Fizeram as vezes de padrinhos, nomeados por alvará de El-Rei, D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, tio do noivo, e o conde de Peniche, um dos governadores do reino, e de madrinhas, representando a rainha, a condessa de Soure, D. Catharina, e viscondessa da Lourinhã, dama de honor. Concluido o solemniſsimo acto, dirigiram-se os esposos para o seu palacio de Pedrouços, marchando o estado que compunha a comitiva do modo seguinte: abriam a marcha dois batedores indo entre um e outro a azemola com o degrau coberto de velludo verde, agalado de ouro. Seguia-se n'um formoso ginete o estribeiro, o unico da comitiva que ia coberto, e a seu lado um creado, a pé, levando o teliz que era de velludo verde agalado de ouro tendo no meio o escudo das armas da casa de Cadaval, que era de prata. Vinham depois ricamente vestidos com velludo verde e guarnições de prata dois volantes que precediam a carruagem dos noivos, a qual, de muito bom gosto envernizada de azul e oiro imitando charão, era puxada por quatro soberbos cavallos castanhos da coudelaria da casa de Cadaval, indo um creado de librê á facieira de cada cavallo com arreios cobertos de ferragens douradas

ostentando pennachos brancos na cabeça e grinalda de flôres nas clinas. De cada lado da carruagem dos noivos iam quatro moços da camara conforme a ordem da antiguidade de seus alvarás, seguidos por quatro creados de farda a pé e por quatro moços da estribeira a cavallo. Depois d'esta carruagem seguia a do Estado, que era cõr de laranja, puxada por quatro cavallos castanhos.

Vê-se pois que os casamentos na casa Cadaval eram revestidos do maior brilhantismo.

O 6.º duque a que se refere este consorcio foi grão cruz da Torre e Espada, em cuja mercê é tratado pelo Rei por *seu muito amado e presado sobrinho*. Era filho de D. Miguel Caetano Alvares Pereira de Mello e de D. Maria Carlota de Montmorency-Luxembourg, dama das Ordens de Santa Izabel e de S. João de Jerusalem; filha dos duques de Pinay Luxembourg e Chatillon Marianne de Montmorency-Luxembourg e Magdalena de Voyer d'Argenson, dama da rainha Maria Antonietta.

Ficam pois traçados em rapidos traços a excellencia e brilhantismo da casa de Cadaval, que ainda hoje por todos os motivos é a primeira de Portugal.

Archivo da Torre do Tombo.

FRANCISCO NOGUEIRA DE BRITO.



Retrato d'um fidalgo da casa Montmorency



O tumulo d'um Montmorency



EXISTIRÁ A PHOTOGRAPHIA
DE CHRISTO?
ESTUDO SCIENTIFICO DO
SANTO SUDARIO DE TURIM

Dizem-nos os historiadores que, sempre que Leonardo de Vinci tentava pintar a figura de Christo, a sua mão tremia; e que um dia, quando pintava a famosa tela de Santa Maria das Graças, em Milão, confessou ao duque Ludovico Sforza «que não tinha nenhuma esperança de encontrar na terra o typo do divino Salvador, e que a sua imaginação era impotente em conceber a sua ideal e celeste belleza». Portanto, se a mão lhe tremia não era somente de emoção religiosa, mas do sentimento da dificuldade em dar apparencia de verdade á physionomia de Jesus Christo.

Efectivamente, nenhuma figura é mais difficil de realisar pela arte. Falta toda a especie de documentos. Não ha em toda a historia personagem cujas feições nos sejam mais desconhecidas. Temos retratos authenticos ou, pelo menos, contemporaneos dos Pharaós, dos imperadores romanos e bysantinos; do Christo não temos nenhum.

Entretanto, os museus estão cheios de Christos. Conta-se que Gustavo Doré, tendo-lhe sido rosteada um dia a semelhança de uma cabeça de Christo que pintára, exclamou furioso:

— Mas é Elle! Juro que é absolutamente elle!

Sem cair n'estes exageros, succede muitas vezes ouvir-se dizer de alguém: «Tem uma cabeça de Christo». E' porque a nossa imaginação consagrou um typo. De que maneira?

NÃO POSSUIMOS NENHUM DOCUMENTO CONTEMPORANEO Á CERCA DA CABEÇA DE CHRISTO

Devemos notar, em primeiro logar, que não ha retrato que nos forneça a imagem de Christo.

Supponhamos que algum dos primeiros christãos sepultados nas catacumbas resuscitava e via nos museus ou nas igrejas uma cabeça do Christo de Raphael ou de qualquer dos nossos pintores religiosos: não a reconheceria nem sequer adivinaria que personagem ella representava.

Se, pelo contrario, visse claramente desenhada n'uma parede a fórma de um peixe, a de uma ancora de navio, de uma pomba tendo no bico um ramo de oliveira, de um joven Orpheu coberto com um barrete phrygio e dedilhando a lyra, de um pastor sem barba com uma ovelha ás costas ou tocando com a sua varinha uma mumia egypcia, então esse christão das primeiras edades reconheceria e saudaria o symbolo do seu Deus. Nunca elle conheceu outra imagem de Christo; nunca viu representadas as suas feições; limitava-se a usar d'estas fórmas puramente symbolicas e, muitas vezes, semi-pagãs, para evocar a idéa do Salvador.

Durante a epoca em que se teria podido conservar uma recordação directa de Christo, era rigorosamente prohibido fazer imagens. Receava-se que ellas viessem a ser profanadas pelos pagãos. Além d'isso, os primeiros christãos nunca duvidaram que Christo deixasse de estar sempre no meio d'elles. Bastavam-lhes symbolos muito obscuros: Christo, para elles, estava simultaneamente *presente* e *oculto*.

Mais tarde, traçaram d'elle algumas imagens. As mais antigas são as que se encontram nas catacumbas de S. Callisto e da Santa Basilica. Pertencem ao seculo III e não teem, por consequencia, nenhum valor como semelhança.

Na ausencia absoluta dos documentos graphicos devidos aos que conheceram Christo,

podemos ao menos invocar as suas descrições? era a cabeça de Christo.

Se não desenharam, devem ter escripto ou fallado d'elle. Ainda sob este aspecto nada ha de certo. Nem nos Evangelhos nem nas Epistolas, nem em tudo o que foi escripto durante os dois primeiros seculos da era christã existe uma unica palavra. Mais tarde não houve tambem nenhuma tradição positiva, mas apenas um sentimento.

O sentimento unanime entre os primeiros Padres da Egreja era que o Christo não possuia nenhum dos caracteres que, sob o nosso ponto de vista humano, constituem a belleza. «Elle não tinha belleza», diz Justino o Martyr, que vivia no seculo II. «Despojou-se de toda a belleza humana», acrescenta Clemente da Alexandria. Tertuliano diz que a apparencia de Christo não abonava em seu favor «de tal forma o seu corpo era desprovido de nobreza humana». E, como o pagão Celso censurava aos christãos o seu culto por um ente de tão mesquinha apparencia, Diogenes reconhecia que effectivamente podia faltar alguma coisa á belleza do Salvador, limitando-se a protestar que a sua expressão physionomica era nobre e divina.

Mais tarde, foi o sentimento contrario que prevaleceu; mas continuava a ser apenas um sentimento. O principal argumento dos que sustentavam essa ideia de belleza é a impressão profunda que Christo produzia á primeira vista. Que Christo tenha possuido no mais alto grau, no olhar, na voz, no gesto, o dom da seducção e da auctoridade; que irradiava d'elle uma chamma ardente e um suave sorriso, não resta duvida nenhuma.

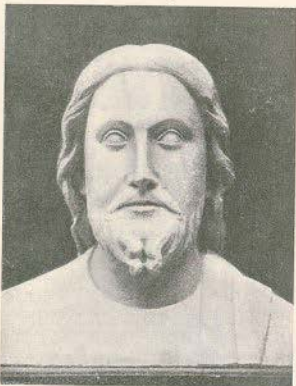
Mas isto não tem relação alguma com a regularidade absoluta das feições que os pintores imaginaram para elle.

Santo Agostinho, que vivia no seculo V, viu as innumeradas imagens de Christo que existiam no seu tempo; a sua opinião é que não se pareciam umas com as outras. E diz-nos em termos formaes:

— Nós ignoramos completamente o que



Estudo para a «Ceia», de Leonardo de Vinci (Escola italiana do seculo XV)



O Christo da cathedral de Amiens, conhecido pela designação de «Le Beau Dieu» (Seculo XIII)

EXISTE TODAVIA UM TIPO TRADICIONAL. © D'ONDE PROVEM ESSE TIPO? © UMA CARTA FAMOSA...

No entanto, chegou até aos nossos dias um tipo consagrado: a testa alta, os olhos pretos de sobranceiras arqueadas, nariz comprido e delgado, a bocca muito bem feita, os cabelos crescidos, apartados na testa em partes eguaes e cahindo em aneis sobre os hombros, a barba rala deixando os labios a descoberto e terminando em dois bicos.

D'onde proveiu esse tipo e como é que se impoz?

A tradição constante entre os primeiros christãos é que isso era o effeito de um milagre, pois que a imagem de Christo se fixára, ella propria, milagrosamente, em peças de linho, onde os seus olhos poisararam. Conta-se, por exemplo, que, durante a vida de Jesus, um rei syrio chamado Abgar, que estava muito doente, tendo ouvido falar dos milagres de Christo, concebeu a idea de o chamar para seu medico. Enviou-lhe uma embaixada, que encontrou Jesus em Philippos; e como um dos embaixadores era pintor, tentou fazer o retrato de Christo. Nunca o conseguiu; mas Jesus, tendo lavado a cara, deixou na toalha a que se enxugára as suas feições impressas. Os embaixadores regressaram ao seu paiz com esse retrato que curou o seu rei e foi, durante largo tempo, venerado no Oriente.

Tambem uma lenda nos diz que, durante a Paixão, quando uma das santas mulheres, chamada Veronica, Vera icon (Verdadeira imagem) se approximára de Christo para lhe enxugar a face que sangrava, a imagem divina ficou milagrosamente impressa no panno. Actualmente, esse veu, n'um dos dias da Semana Santa, é exposto á veneração dos fieis, do alto de uma das tribunas da cupula de S. Pedro de Roma.

Estas imagens, conservadas em santuarios do Oriente e do Occidente, contribuiriam para fixar o tipo que nós conhecemos? E' muito possivel. Mas não é menos certo que encontramos esse





seculo VIII, outra do seculo XII. A primeira é de João Damasceno respondeado aos Manicheos. Jesus é ahí representado como bello e muito alto, com magnificos cabellos em anéis ligeiramente frisados, pelos quaes só as mãos de sua mãe tinham passado. Tinha as sobranzeiras muito arqueadas e juntas a meio da testa, o rosto oval, a tez pallida côr de azeitona, os cabellos e a barba côr de trigo maduro, olhos brilhantes como os da Virgem, o corpo um pouco inclinado, voz suave e sonora, um olhar cheio de doçura, de sabedoria e de dignidade.

A outra descrição, que ficou famosa nos annaes da Arte, encontra-se n'uma carta que um tal Lenu-

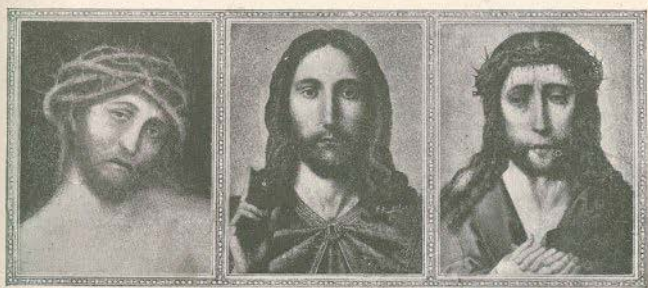
typo claramente definido em duas descrições, uma do

hombros, dividida em duas partes eguaes no meio da testa, segundo a moda dos Nazarenos. A testa é lisa e de uma calma perfeita, a cara não tem rugas nem borbulhas, tingida de uma delicada vermelhidão. O nariz e a bocca são de um desenho impecavel. A barba é abundante e da côr da noz madura, como os cabellos. Não é comprida e termina em dois bicos. Os olhos são salientes, brilhantes, de uma côr que tem varios reflexos. Encolerisado, é terrivel; calmo e affectuoso no conselho, alegre sem perder nada da sua dignidade. Nunca ninguem o viu rir, mas muitas vezes o tem visto chorar. As suas mãos e os seus membros são bellos. Quando fala, é grave, reservado, modesto.



Cabeça do «Christo Morto» do sepulchro de Saint-Nizico, em Troyes (Esculptura do seculo XI)

dade. Nunca ninguem o viu rir, mas muitas vezes o tem visto chorar. As suas mãos e os seus membros são bellos. Quando fala, é grave, reservado, modesto.



Jesus Christo, tal como o representavam os pintores flamengos e allemães do seculo VX (Segundo os quadros de Lucas Kranack, Nassys e Van der Weyden)

has «presidente do povo de Jerusalem» teria escripto ao Senado romano, em vida ainda de Jesus: «Appareceu, diz elle, n'estes ultimos tempos, um homem de alta estatura, bello, de uma tal seriedade que se impõe, a todos que o vêem, ao mesmo tempo receio e amor. A sua cabelleira é fluctuante e ondeada, um pouco da côr do cacho de uvas e brilhante, cahindo-lhe nos

Depois d'esta carta, que é do seculo XII, o typo fixou-se. Resume ella sobre o aspecto physico de Jesus as imagens que a precederam? É infinitamente provavel. Seja como fôr, resume tambem as que se seguiram. A partir d'este momento nenhum pintor se atreverá a subtrahir-se á sua influencia: Christo terá, inalteravelmente, um typo tradicional.



DIFFERENTES INTERPRETAÇÕES DE UM MESMO TIPO

peelo terror do juizo final; sobreveem as fomes e as pes-

Mas tambem este typo tradicional evoluiu. Respeitando n'elle o que elle tem de essencial, os pintores introduziram-lhe certas modificações consoante os sentimentos

que predominavam na sua epocha.

Nos periodos das perseguições, dos soffrimentos e dos martyrios que necessidade se impunha aos homens? Uma visão alegre, suave, triumphante e reconfortante. Até ao IV seculo, o Christo é representado moço, risinho, com quinze ou dezeseis annos. E' o symbolo da Esperança.

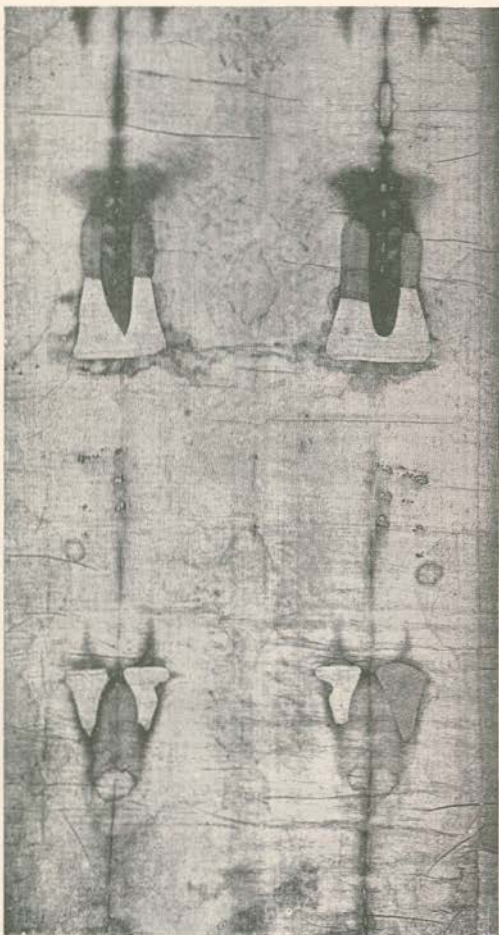
Mais tarde, depois do triumpho da causa christã, será representado como um rei, um imperador em toda a sua gloria ou um pontifice abençoado. O seu rosto é, então, o de um homem de mais idade, de trinta ou mesmo de quarenta annos, de barba comprida e espessa, os cabellos abundantes cahidos para a testa.

Depois de setecentos ou oitocentos annos de christianismo é que o rosto do Christo se torna amargurado, envelhecido na dôr ou apparece gemendo em scenas de martyrio e de horror. Dir-se-hia que nos approximamos do fim do mundo. A fé ardente das primeiras edades tomou outro caracter: a alegria de esperanças está como paralyzada

tes; soffre-se, — e toda a gente ajoelha deante do Christo, — a *imagem da Dôr*.

A pintura, que n'essa epocha não tem idéa nenhuma da exactidão, nenhum sentimento da realidade viva, procura o movimento, a observação viva da natureza e da vida. Assim, o Christo byzantino, sempre na mesma attitude, transforma-se em uma imagem rigida e impassivel.

Nos paizes do Occidente, pelo contrario, a vida religiosa mais espontanea, mais ingenua, dava aos pintores uma liberdade mais ampla. Depois dos tempos do anno mil, o que prevaleceu nas artes foi a alegria da Redempção. Houve um renovo de novidade como nos primeiros dias do christianismo. Inciou-se a pintura dos mysterios allegres: as Natividades, os Meninos Jesus, os Anjos. Quanto à cabeça de Christo adulto predominava outro sentimento. O Salvador, que acabava outra vez de poupar o mundo, tinha dado o seu sangue por elle. Era necessario commover os torções que já não tinham nem a fé ardente dos primeiros dias, nem os terrores do anno



O Santo Sudario — A impressão do corpo visto pelo avesso. Entre as nodos produzidas pelo incendio, que ameaçou destruir o Sudario no seculo XVI, vê-se, do avesso, o corpo de um homem com numerosos vestigios de flagellação.

O exame das feridas provou que a sua disposição está em desacordo com a tradição, mas em conformidade com a verdade anatomica.

mil. Para obter um recrudescimento de fervor, era indispensavel mostrar o Christo soffredor, fraco, emaciado.

De resto, era opinião corrente e aceita na idade

XVII e XVIII, perde-se ou dilue-se o typo oriental.

media que a magreza era um signal de santidade. Quando uma creança, no seu desenvolvimento, se apresentava franzina e pallida, parecia uma predestinação. O Christo devia,

ser o mais emaciado dos filhos dos homens. Nos seculos XIII e XIV, a sua agonia entristece o proprio céu, onde elle é representado crucificado nos braços de seu pae.

Mas ao mesmo tempo que os artistas exprimiam no rosto do Christo os sentimentos communs á sua época, cada qual lhe emprestava alguma cousa da sua semelhança pessoal e das suas feições particulares. Roger Van der Weyden traça-lhe uma physionomia flameza, os olhos a Bêr do rosto, os lábios delgados, a barba rala, o olhar passivo, o gesto lento e tímido. Os Christos de Albert Durer são, também, os retratos do pintor, um pouco envelhecido e um pouco idealizado. É um allemão vigoroso e pensativo.

O Christo pintado por Miguel Angelo nas paredes da capella Sixtina tem a exuberância de vida que a Renascença transmitia a tudo.

O de Rubens é flamego. O de Corregio é suave e bello como um raio de luz. Todos procuram a belleza sem caracter bem determinado. Em todas estas figuras, dos seculos XVI,

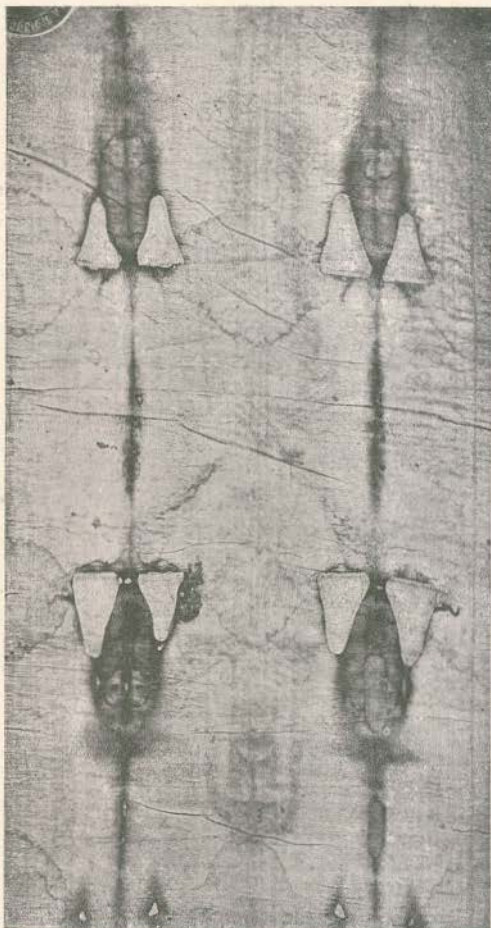
Mas o desejo de encontrar as feições verdadeiras de Jesus Christo aviva-se com as descobertas incessantes da sciencia.

O inglez Holman Hunt passou quatro annos nas aldeias onde Christo viveu para reproduzir a sua physionomia. Bida fazia as mesmas pesquisas. Muito mais tarde, Tissot consagrava longos annos na Palestina a esta resurreição historica.

Entretanto, os espiritos religiosos nunca se mostraram plenamente satisfeitos com nenhum d'estes ensaios sobre a physionomia do Salvador. Continuam a ter a velha ideia das catacumbas de que a imagem de Christo não pôde ser representada «pela mão do homem». E precisamente descobre-se uma imagem de Christo que parece não ter sido feita «pela mão do homem...»

É difficil conceber uma descoberta mais imprevisita e mais de molde a provocar uma extraordinaria sensação, tanto mais que o assumpto reveste toda a maior piedade humana, aquella que mal-falla ao coração: — a religião christã. Nada de mais surpreendente que o estudo d'esta imagem quando

a submettemos aos methodos da sciencia moderna. Nada de mais impressionante que os problemas que ella estabelece.



O Santo Sudario — A impressão do corpo vista de frente. Esta outra impressão mostra a cabeça e o corpo de um homem com as mãos cruzadas e tendo na frente, nos punhos, nos tornozellos e no peito vestigios de feridas absolutamente em concordância com as que a tradição attribue a Christo.

UM PANNO ONDE SE VÊ
A IMAGEM DE UM HO-
MEM QUE FOI MARTYRISADO

A imagem era conhecida ha muito tempo: o que se constata é um caracter inesperado d'essa imagem.

A cathedral de Turim possui, com o nome de Santo Sudario, um grande pedaço de panno de finissimo linho de 4^m, 10 de comprimento por 1^m, 40 de largo. Reconhece-se n'esse panno duas imagens representando o mesmo homem; de um lado, visto de frente, do outro lado, visto de costas; o homem tem chagas nas mãos, nos pés e no peito. Parece que o seu corpo foi estendido na parte inferior d'esse panno de linho e que a parte superior foi dobrada sobre a cabeça, de modo a cobri-lo até aos pés. Assim, de cada lado o corpo estava coberto de cima a baixo: d'ahi, os dois vestigios que, quando se desdobra o panno em todo o seu comprimento, apparecem ponta a ponta.

Mas o anno 1353 é uma data muito proxima: ficam na sombra tres longos seculos anteriores, durante os quaes se não pode seguir este sudario, cujo valor historico perdia de valor em virtude d'esta enorme lacuna

INTERVENÇÃO IMPREVISTA DA PHOTOGRAPHIA
● TRATA-SE DE UM «NEGATIVO»

Ligava-se, pois, uma importancia mediocre á tradição de Turim, quando em 1808 se lembraram de mandar photographar o panno. Era uma questão de curiosidade e nada mais; e ninguém previa que problemas scientificos iam bruscamente surgir.

Recordemos em poucas palavras alguns principios muito simples da arte photographica.

Quando se revela uma photographia, a imagem que se obtem na placa de vidro chama-se um *negativo*: as partes brancas ou claras do objecto ou da



S. Carlos Borromeu, rodeado pelos bispos, venerando o Santo Sudario de Turim
(Segundo uma gravura do seculo XVI)

Qual a proveniencia d'este panno?

A sua historia está estabelecida de uma maneira segura e positiva desde o anno 1353. N'este tempo, pertenceu á igreja de Lirey, na Champagne, offerecido por um homem cujos antepassados tinham sido das Cruzadas de que elle mesmo fez parte.

A partir de 1452 torna-se propriedade da casa de Saboya; durante mais de um seculo, é conservado constantemente em Chambéry, onde esteve em riscos de ser destruido pelo fogo, em 1532: a caixa de prata onde estava guardado ficou meio fundida, mas o panno ficou intacto e manchado apenas pelo fumo. Esta circumstancia augmentava o interesse que a casa de Saboya ligava a este panno. Em 1578 transferiram-o para a cathedral de Turim, onde ainda hoje se encontra. Tanto em Turim como em Chambéry, tanto em Chambéry como em Lirey, a tradição vê n'este pedaço de panno o proprio sudario de Christo.

pessoa photographada apparecem em negro na placa; as partes negras apparecem em branco. Estenda-se sobre a placa uma folha de papel sensivel á influencia da luz: os negros da placa obstruindo os raios luminosos conservam brancas as partes correspondentes do papel; pelo contrario, os brancos da placa deixam-se interceptar, e o sol ennegrece os pontos correspondentes do papel. Esta imagem assim obtida é o contrario da placa: é o *positivo*: reproduz com exactidão o objecto ou a pessoa photographada.

Segundo estes principios que toda a gente conhece e comprehende, esperava-se que a photographia dos traços um pouco frustes conservada no panno de Turim reproduzisse esse panno em negro, os traços em branco, e conservasse na reprodução o impreciso e apagado que distingue o original.

Mas nada d'isto aconteceu. Fez-se por este processo a mais imprevista descoberta. A' medi-



da que a prova se ia revelando, via-se apparecer alguma coisa de inesperado e suprehendente. Era o desenho perfeito e completo do Rosto Sagrado, das mãos e dos membros, que resurgia á luz, como se, em vez de reproduzir o lençol onde o corpo tinha sido amortalhado, se tivesse tirado directamente a imagem do corpo. O sudario era, pois, um *negativo* exacto do cadaver ensanguentado que envolvera. Examinando attentamente o sudario notavam-se manchas cinzentas, mais carregadas que o fundo, desenhando com traços apagados as duas fórmulas humanas que mais atraz descreveram; e a revelação photographica formando um *negativo* d'este negativo dava, no

que adquiriu a certeza de que o simples contacto de um corpo nunca poderia ter gravado no Sudario os vestigios de que o cliché photographico revela uma interpretação tão suprehendente de verdade.

Se essa imagem não é a obra de um pintor nem o resultado de um contacto directo preparado por um falsario, o que é então?

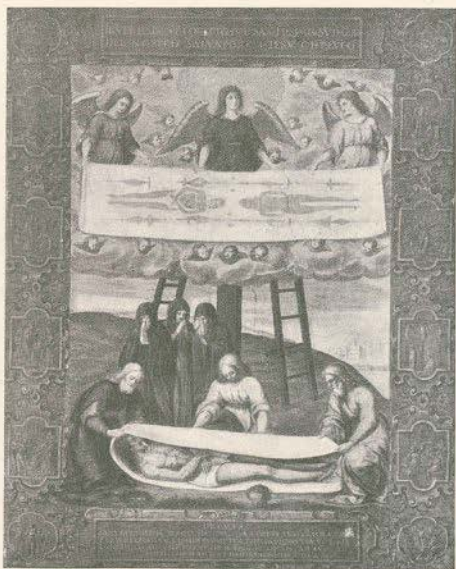
L EIS SCIENTIFICAS E NOVAS EXPERIENCIAS © ESTE SUDARIO ENVOLVEU UM HOMEM

Segundo a opinião de M. Vignon, ella resulta de uma impressão a distancia, projectada pelo corpo deitado sobre este Sudario, impressão análoga ás acções photo-chimicas. Nota o investigador que a imagem obedeceu á lei que rege todas as acções d'este genero: «A impressão foi tanto mais energica quanto era menor a distancia do corpo ao panno.»

Ora, estas acções conformes á lei das distancias, de que natureza são? Ha meia duzia de annos que certo numero de emanações chimicas podem achar placas photographicas. De resto, os meteos radio-action, taes como o famoso radio, emitem verdadeiras vibrações que tambem teem o poder de velar as placas photographicas como a propria luz. M. Vignon, com a collaboração do major Colson, repetidor do physica na Escola Polytechnica, conseguiu precisar exacta-

mente as condições em que se realiza o obscurecimento das placas photographicas quando resulte da emissão vapores activas. Empregando, quer medallhas, quer objectos arredondados cobertos de pó de zinco que é um corpo chimicamente activo e collocando esses objectos na proximidade immediata de placas photographicas muito sensiveis, conseguiram os dois sabios francezes obter, sobre as placas, verdadeiros negativos, perfeitamente modelados, dos objectos submettidos a esta operação.

No caso do sudario não pôde de modo algum tratar-se de acção identica áquella. Effecti-



Como foi enterrado o Christo—Quadro de Giulio Novio (Seculo XVI)

cliché, um positivo, isto é, a imagem exacta de um ser humano.

De então para cá, a questão assume uma feição perfeitamente nova, e devesse pôr-se de lado todas as hypotheses.

ESSA IMAGEM NÃO É UMA PINTURA SEM PÓDE SER A OBRA DE UM FALSARIO

A primeira exploração que se apresentava e que foi durante muito tempo admittida era que esta imagem devia ser uma pintura. Esta hypothesis não é admittivel, desde que se sabe que a imagem é um *negativo*. Effectivamente, o *negativo* não existe na natureza; antes da invenção da photographia, nunca ninguém soube o que isso era. Portanto, a imagem que se encontra no Sudario não foi feita directamente, tal como está, pela mão de um pintor a uma epocha em que se ignorava absolutamente o que é um *negativo*.

M. Paul Vignon, da Faculdade das Sciencias da Universidade de Paris, que fez um estudo profundo do Sudario, encarou a suposição de que o panno poderia ter envolvido um cadaver, pintado com qualquer materia colorante para lhe transmitir a impressão. Partindo d'essa hypothesis, fez uma experiencia: deitou-se nas condições exactas que revela a imagem do Sudario e fez imprimir a sua cabeça no panno: — os traços ficaram de tal maneira desprovidos de perspectiva,



vamente, um corpo luminoso não é comparavel a um

Colson, repetidor de phisica na Escola Polytechnica



A imagem visivel no Santo Sudario é uma photographia do Christo?

Froduzida á mascara, sem orelhas, sem pescoço.

sem bombros, esta cabeça não se parece de forma alguma com a que um pintor representaria, mas impõe-se á admiração pela serena grandeza e pela gravidade no soffrimento, que lhe dão uma extraordinaria expressão da divina belleza

pó metallico chimicamente activo como é o zinco, e o panno do lençol não é o homologo de uma placa photographica. Era necessario fazer ainda mais pesquisas.

As Escripturas Sagradas dizem-nos que José de Arimathea sepultou o Christo, untando-o de perfumes, cuja base era o aloés; sabe-se, por outro lado, que os hebreus tinham o costume de incorporar o aloés ou a myrrha no azeite. O sr.

de Paris, que o dr. Vignon tinha associado ás suas experiencias, compôz uma mistura d'este genero e molhou com ella um panno. E' corrente e sabido que o aloés escurece fortemente sob a influencia de substancias oxydantes. Mas um cadaver, se está coberto de um suor febril como estava o corpo de Christo, emite muito rapidamente vapores ammoniacaes. Portanto, se, por um lado, os vapores ammoniacaes escurecem



o aloés e, por outro lado, o corpo de Christo não deixou de emitir vapores d'esse genero; é perfeitamente admissivel que o Sudario tenha sido quimicamente impressionado por estes vapores organicos, como uma placa photographica é impressionada pelos vapores de zinco. Vignon e Colson fizeram uma serie de experiencias com pannos assim embebidos e todos elles escureceram tanto mais energeticamente qu'en o mais fraca era a distancia entre o corpo, qualquer que fosse, capaz de

emitir vapores ammoniacaes, e o Panno que se tinha collocado sobre esse corpo. Se um homem esteve deitado debaixo d'este sudario e se a imagem se lhe communicou por uma impressão a distancia, resta saber quem elle poderia ser.

QUEM ERA ESSE HOMEM?
 @CONCORDANCIAS MYS-
 TERIOSAS

Olhando com attenção esse homem vê-se, na figura que está de frente, vestigio de chagas na testa; do lado direito do peito, uma grande chaga que se diria feita por uma pontuada de lança; mais abaixo, no pulso da mão esquerda, uma echymose. Na figura de costas, algumas chagas na parte posterior da cabeça; immensas signaes de arranhaduras nas costas e na face, nas coxas e nas barrigas das pernas; coagulos de sangue nos calcanhares e nas solas dos pés. Este homem parece ter sido martyrisado; teve os pés e as mãos trespassadas; teve as costas esfarrapadas; recebeu um golpe no peito.

Reunam-se estes pormenores: repetem exactamente aquellos que o proprio Evangelho nos dá sobre a Paixão de Christo! Estes traços são tão rigorosos que mais uma vez se apresenta a hypothese de uma falsificação. Mas a sciencia intervem e reduz esta objecção a pó. Effectivamente, ella observa estas feridas; acha-as exactas nos seus detalhes mais infimos; reconhece-as perfeitamente conformes a todas as condições anatomicas; esta precisão, esta correcção denotariam no falsario eventual uma extraordinaria sciencia do corpo humano.

Mas ainda não é tudo: ha mais e melhor. Um falsario conforma-se sempre á tradição. É a tradição que lhe serve de regra e de guia. Ora, o que diz aqui a tradição? Diz que a chaga do peito era do lado direito,

que as chagas da mão eram no meio da palma, que os pregos eram no meio dos pés.

A photographia do sudario dá o seguinte: a chaga do peito é do lado esquerdo, porque o homem que foi sepultado n'aquelle panno a tinha do lado direito e a *impressão* passou da direita para a esquerda. Os pregos das mãos foram enterrados nos pulsos; os pregos dos pés no artelho e no calcanhar. Não são nos logares onde geralmente se suppõe; mas estão n'aquelle que a anatomia exige, porque se os pregos tivessem sido enterrados no meio das mãos, estas ter-se-hiam rasgado immediatamente. Era improvavel, pela mesma razão, que fossem enterrados no meio dos pés. Assim, nada é conforme, aqui, á tradição pictural da idade media que um homem do seculo XIV conhecia; mas tudo é conforme á mais stricta anatomia que um homem do seculo XIV ignorava.



Santa Veronica com o linho onde está impressa a face de Christo — (Gravura Düzer)

O estudo do aspecto das manchas de sangue levaria a uma conclusão identica. E' ainda necessario que a tumulisação tenha sido provisoria. Do contrario, teriam embalsamado o corpo, e um corpo embalsamado não emite vapores alcalinos; o panno teria sido apertado em volta do corpo; e, ao cabo de pouco tempo, haveria, se não decomposição do corpo, pelo menos decomposição do sudario.

Sabe-se que José d'Arimateia, tendo pedido a Pilatos, ao cair da noite, auctorisação para retirar o corpo da cruz, não teve tempo material de o embalsamar. Quando as santas mulheres vieram dois dias depois para proceder ao enterro definitivo, encontraram o tumulo vazio.

Compreende-se por isto o interesse que se liga á imagem revelada pela photographia, e só nos resta admirar a sua belleza extraordinaria. Aquella testa indicada pelos golpes, aquellas palpebras cahidas, uma completamente extincta pela morte, a outra ainda meio levantada, aquelle ar tranquillo, de grandeza e de gravidade no soffrimento, deixam na memoria uma profunda impressão.

O ESTADO DA QUESTÃO — UM PONTO DE INTERROGAÇÃO

Que hypothese contém mais aceitar?
 N'este apaixonado debate nós só podemos



ser testemunhas e nunca tomar um partido definitivo. Limitamo-nos a resumir os argumentos mais recentemente apresentados e a assignalar os pontos que parecem definitivamente assentes.

A grande novidade trazida ao debate, aquella que perturbou todos de ideias muito tempo preconcebidas é esta:— até hoje, considerava-se a imagem do sudario de Berlim como uma pintura. Esta hypothese deve ser posta de parte desde a descoberta da imagem photographica do sudario e desde os estudos e das experiencias, ás quaes esta descoberta deu lugar.

Por nossa parte não podemos resolver a questão n'um sentido ou n'outro, deixamos aos leitores da *Illustração Portugueza* o cuidado de responder segundo as suas convicções pessoais.

A religião christã tem, em todo o mundo, millares de milhões de crentes, que tem posto n'essa figura sublime do crucificado o melhor da sua fé. Toda a tragedia dolorosa, que teve o seu epilogo no aspero calvario, quando toda a natureza se velava e do céu parecia cahir uma chuva de lagrimas e a alma da christandade, que estava no seu mais fervoroso alvore-



A santa face impressa no panno da Santa Veronica — Quadro de Zettbleu, pintor allemão do seculo XVI

A imagem do sudario é uma impressão projectada pelo corpo de um homem. Esteve um homem deitado n'aquelle sudario. Tal será, de futuro, o ponto de partida do discurso.

Resta saber quem era o homem. Encontram-se n'ella todos os vestigios que o supplicio imprimiu no corpo de Christo. E encontrou-se, — o que é um facto particularmente flagrante e surpreendente — de uma maneira que desmente muitas vezes a tradição, mas que a desmente em proveito da verdade scientifica e da realidade.

Pode, por isto, admittir-se que esse corpo tenha sido o de Christo? Ou devemos acreditar que um asceta se submeteu voluntariamente ao martyrio de Christo e seja a sua imagem a que se vê no Sudario?

cer, estremecia de horror, tapando a face dolorida e maguada,— toda essa formidavel agonia attraverso os seculos e continuou, e continuará, perduravelmente, por outros seculos sem fim, com a mesma arreigada crença, a mesma inabalavel confiança, n'um mundo delicioso que Elle promettia.

Fica estabelecido o problema palpitante para toda essa multidão que ajoelha nos templos, junto dos altares, nos degraus dos cruzeiros, ao ar livre, nas montanhas e nos campos, com os olhos estaticos voltados para o céu.

Mas esperemos que o publico seja completamente elucidado, — se é que elle o será algum dia. D'este modo terminamos o artigo com um ponto de interrogação.





Saída d'El-rei e do príncipe de Hohenzollern à Escola.



O príncipe de Hohenzollern felicitando o director da Escola.

Visita do príncipe de Hohenzollern á Escola do Exercito

Em um dos últimos dias da sua estada em Lisboa, o príncipe Guilherme de Hohenzollern visitou a nossa escola superior militar, percorrendo detidamente todas as suas instalações com a minúcia e interesse que

os príncipes consagram quasi sempre ás coisas da guerra, por dever de officio, e ainda na sua educação.

Na aula de esgrima assistiu sua alteza, além de uma lição de exercicio preliminar, a alguns ensaios de espada, florete e sabre, que foram executados com bella correção e entusiastico brio, e no picadero a varios trabalhos de equitação, especialmente saltos diffi-

ceis, em que os alumnos do 2.º anno de cavallaria demonstraram valiosas qualidades de dextreza. O príncipe Guilherme, que é amador photographico, demorou-se tambem nas respectivas instalações da

Escola, examinando muitos dos trabalhos ali executados, a que teceu, por vezes, lisonjeiros elogios, como em geral os prodigalissimos á maioria das coisas que viu.

Terminada a visita, dirigiu ao actual director, sr. conselheiro Sebastião Telles, as

mais vivas felicitações, affirmando-lhe que muitas escolas militares das mais afamadas da Europa poderiam tomar, em alguns pontos, a nossa por modelo.



Os alumnos formados em frente do internato



Sahida do príncipe e d'El-rei



O director communicando as felicitações do príncipe ao corpo docente



Como se pega um touro

COMO no circo, o povo soberano exige o lance extremo: *á unha, á unha*; e o inteligente, resistindo um pouco, no usual attricto do poder, cede por fim n'um gesto enfatiado de super-homem vencido pela ignara maioria. Lançando ás bancadas a responsabilidade da sorte, faz signal ao clarim, e ás notas cavas do toque de péga dão á praça a acalmação do triumpho.

Rompem então á luz do primeiro plano os forcados, comparsas até ahí, meros espectadores da trin-



Grupo de moços de forcado n'uma tourada á antiga portugueza

cheira falsa, desde que caiu em desuso a famosa casa da guarda, de outras eras, a defeza na arena contra as investidas do touro, que umas vezes fugia, ao sentir no focinho as bolas de metal dos forcados, outras varria a casa da guarda, colhendo, enganchando e volteando os pimponeços, entre um sarilho de paus pelo ar.

Vaidosos da attenção da praça inteira, adeantam-se em passo mesurado, calção amarello, jaqueta de ramagens vermelhas, barrete verde, o cabo á frente, avultando na altivez do commando, os outros, como *moços de forcado*, respeitosa-

Reduzido á legitima defeza, farto de bandarilhas e destronques, entrincheou-se o touro, vigiando-se, o olho quebrantado no *trajo do capinha* que o marcia.

Mal o pegador avança para a sorte, batendo as palmas, abrindo os braços, na classica attitude de arregaço, logo o touro puro entra com elle, rompe a beça baixa humilhando-se para o cather, e leva-o na cornea, luzindo a sorte n'uma carreira vistosa e sensacional.

Não vae ás primeiras o touro matreiro, faz-se rogado, escarva o chão, affirma-se muito no vulto, a garantir-se de arrancar pela certa, e quando enfim se faz de viagem, ao topar com o adversario, firma-se nas mãos, sacode a cabeça e atira ao ar o pegador. Haço que exigem o cite muito de perto, a meia volta, insistente, variado; recua o pegador, corre para elle, bate as palmas, provoca-o á sape-



O trajo actual dos moços de forcado

tada, até que, em supremo desafio, como quem lança o guante, arroja-lhe o barrete á fogueira.

Único dos perseguidores do touro que não pretende escapular-se, depois de o ferir, ou de o entontecer, aguarda, a pé firme, a abalada do touro, vencendo o instinto de conservação que o manda fugir; recua dois passos ao vê-lo entrar na sua jurisdicção; põe-se nos licos dos pés, um pouco inclinado para a frente, e, ao vê-lo humilhar-se, deixa-se-lhe cair na coradura, antes que o apanhe a marrada.

Bem cingido á cabeça, o *melhorando-se* a *derrotes* tem de ser desde logo ajudado, e o touro acaba por desenvenillar-se d'elle.

Um grupo diligente, dedicado e affeito á lide deve rodeiar promptamente o touro, subjugando-o por fórma a dar saída airosa ao pegador, pois em taouromachia a belleza da sorte é o remate.

A péga de cara é a péga por excellencia, a característica de tão discutida sorte, por ser aquella em que mais flagrantemente se mostra o arrojo do ho-



Uma péga de recurso (rabejando um touro durante um quite)

mas em face da fera; é mais
tudo a de costas, exigindo mais
prática, mais quebramento na
cabeça do toiro, e mais prompto
movimento dos forcados; a de cerne-
lla tem para o publico principal-
mente o gaudio da corrida,
em torno á arena, de cabrestos,
campinos e forcados que em si
aporta a sorte de cair na cerne-
lla, acompanhando a corrida do
animal.

O forcado que rabeja, poden-
do segurar-se á haste com que
o toiro pretende attingil-o, obri-
gado a dar repetidas voltas, até
que, parando, subjugado, lhe dê
saio para sair da sorte.



Ao cair na sorte



Correndo a ajudar

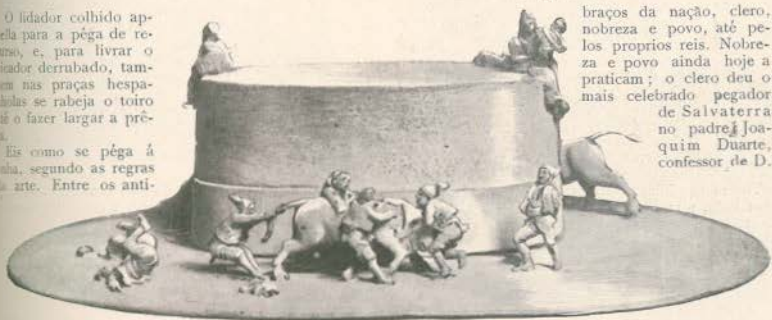


O pegador sacudido

O lidador colhido apela
para a pèga de re-
cuso, e, para livrar o
pegador derrubado, tam-
bem nas praças hespanha-
sas se rabeja o toiro
até o fazer largar a pè-
ga.

Eis como se pèga á
mã, segundo as regras
da arte. Entre os anti-

braços da nação, clero,
nobreza e povo, até pe-
los proprios reis. Nobreza
e povo ainda hoje a
praticam; o clero deu o
mais celebrado pegador
de Salvaterra
no padre Joa-
quim Duarte,
confessor de D.



Uma tourada n'um mazzantini. (Terra colta de Bordallo Pinheiro, actualmente em exposição na Illustração Portuguesa)

gos amadores havia
quem fizesse á gai-
ola a pèga de cara,
no tempo em que
se picava de dentro
de um caixão a
meia praça, e se
aguentava á vara
larga a pé firme.

Mais guerreada
que nenhuma outra
sorte do toureio é
de bem velhas tradi-
ções a pèga, exe-
cutada pelos tres



Um derrote

Miguel; e a reale-
za em D. Afonso
VI, a quem, ape-
zar dos sabidos
achaques, nunca
faltou energia para
citar um toiro de
cara e pegar-se com
elle.

Hoje ha quem vá
pegar embrigado,
às cegas, ficando
n'um bolo, reco-
lhendo á enferma-
ria farto de sôpa de

COFNO, a receber fricções d'alcool, enquanto o adversario é reconduzido ao touril, a sofrer avagens de vinagre nas feridas pela rude mão do embolador.

Essas pegas sem arte e sem brilho, feitas atabalhoadamente, depois de batidas timoratamente as palmas e enovelado le cambalhada o corpo com as hastes do animal, tem para a multidão



A' cernelha. O touro subjogado

de parvo que apça ainda mais a investida do amphitheatro inteiro.

— Olha, lava-se com vinagre...
— Põe-lhe amica, ó coisa...

O *coisa* nem oouve. Todo elle pressa de se esgarar do redondel e, quando, os que estão d'cima lhe atiram a ultima coisa, no derradeiro grito que o persegue, elle



Caindo na cernelha

o encanto e o appetitivo de vêr o seu semelhante quando menos n'uma situação ridicula, às vezes com a fatiota despedaçada nos contornos mais chozarreiros e que puxam mais a piada brava do sol.



Pega d'z recurso

rebata-se n'um salto louco, julgando ter ainda o touro a perseguil-o.

Mas qual! o touro quer saber do desgraçado que a essa hora concerta os ossos na enfermaria



Intervenção dos capinhas

Tocam as philarmônicas estridulas e toda a praça se rebola n'um delirio,—emquanto o malaventurado recolhe, coxeando e gemendo, com uma cara



Saindo da sorte

O que elle trata é de recolher-se com as chôças ao touril, no desejo muito louvavel de ter tambem a sua hora de repouso bem ganho.



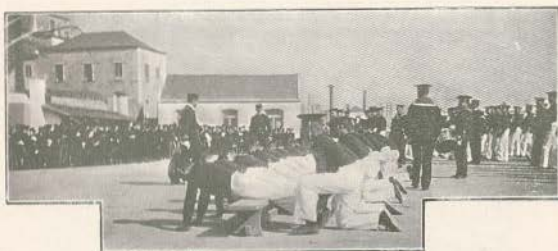
Pega de "cara"?—Grupo de louças das Caldas, modelo de Bordallo Pinheiro

A FESTA NO QUARTEL DE MARINHEIROS



A MARINHA de guerra portugueza teve este mez um dos seus dias de ouro;—foi no quartel de marinheiros, diante de sua magestade El-rei, do Principe Real, do senhor infante D. Manuel e de grande nu-

Mas o numero sensacional da festa era a lucha de tracção pela corda, na qual oito grupos, por series eliminatorias, disputavam a taça oferecida pela Liga Naval. Seguia-se com um interesse cada vez mais intenso o denodo e o esforço dos nossos marinheiros, cujos braços musculosos se retesavam; e quando os vencedores paravam a gosar o triumpho da victoria, de todos os lados re-



Gymnastica sueca.



Oatro exercicio de gymnastica sueca

A taça oferecida pela Liga Naval e ganha pelos marinheiros da Tejo

mero de officios da armada, que trezentos recrutas de marinha executaram as provas finais do seu apprendizado de 85 dias uteis.

Fez-se gymnastica e esgrima de bayoneta; fez-se lucha de tracção e jogo da barra, lançamento da bala e corrida de tres pernas.



Gymnastica com arma

boavam palmas e bravos entusiasticos. Mas ficam apenas em campo os recrutas do quartel e os marinheiros da canhoneira Tejo. Que grupo sahirá vencedor? A lucha assume, então, proporções de interesse palpitante.

Vae jogar-se o momento decisivo. De um lado e do outro não faltam coragem e valentia. —Eia, rapazes! eia!... A'vante!

Um ultimo esforço e, depois

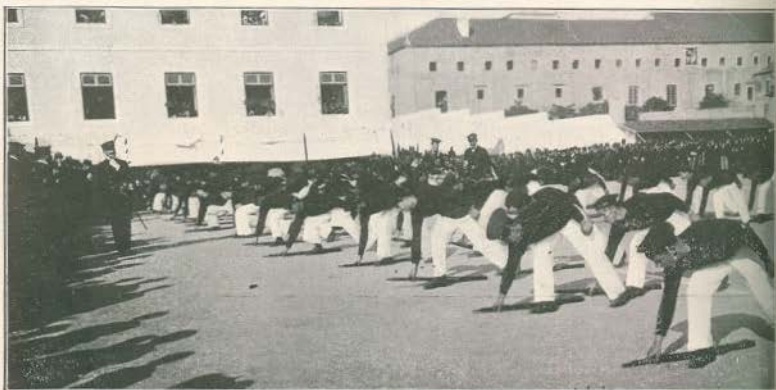




El-Rei, o Principe Real, o senhor Infante D. Manuel e o sr. presidente do conselho na parada do quartel—Exercícios de mar



Egrima de bayoneta



Um aspecto dos exercicios de gymnastica



O jury que conferiu a taça da Liga Naval aos marinheiros da canhoneira *Tejo*
Contra-almirante João Augusto Botto, conselheiro Jacintho Candido, 1.º tenente Quirino da Fonseca



Grupo de marinheiros que tomaram parte no torneio



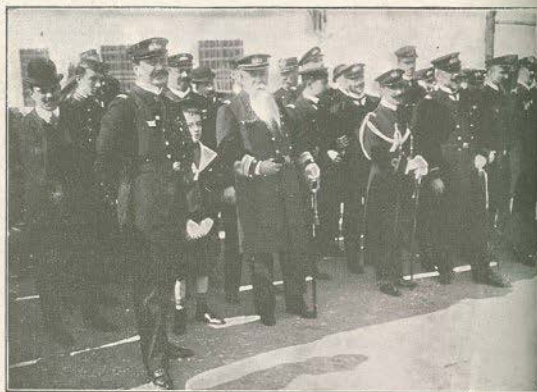
Lúcta de tracção — A disputa da taça

de um empate, saem vencedores os marinheiros da *Tejo*.

Palmas e bravos, um delirio doido. E o sr. Polycarpo de Azevedo, commandante da canhoneira, acompanhado por um marinheiro vencedor, recebe das mãos de sua magestade El-rei a taça de prata disputada, que entrega ao triumphador.



Ha um numero que o programma não indica e que é, no entanto, de um commovido effeito: por desejos de El-rei, trezentas vozes de marinheiros cantam uma ballada, com musica da valsa dos *Sinos*, bamboando os corpos,



O commandante do corpo de marinheiros e o seu estado-maior assistindo aos exercicios



Outro grupo de marinheiros que tomaram parte nos exercicios



Egrima de bayoneta

n'um movimento ondulatorio de giga portugueza. O marinhei-



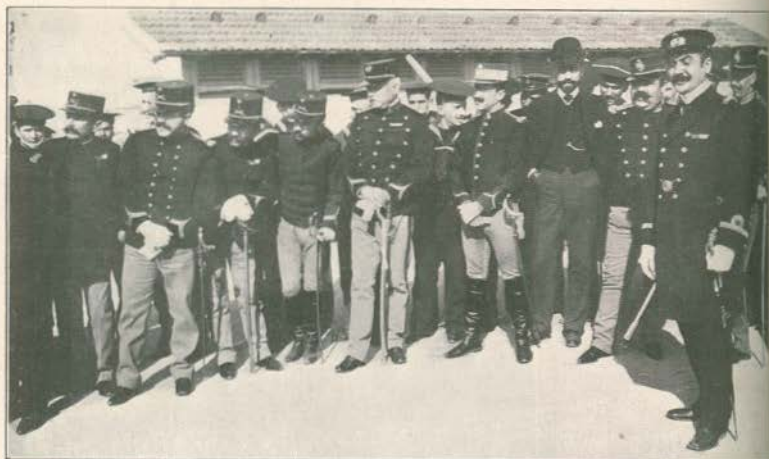
ro que figura no nosso *en-tête* veste o uniforme do novo panno



Sua magestade El-Rei e todos os officiaes de marinha que assistiram ao torneio

1.^o tenente O. Mattos Moreira — Capitão-tenente Barbosa Bocellar — 2.^o tenente V. Pedrosa e Lima — 1.^o tenente Pinheiro Silvano — Capitão de fragata Lino Garcez,
2.^o tenente Maia e Costa — Capitão de fragata Alves Loureiro — Contra-almirante Pereira Vianna — Comissario de 1.^a classe Martins — 2.^o tenente Procopio de Freitas,
Capitão de mar e guerra Gonçalves Teixeira — 2.^o tenente Albuquerque Rocha — 1.^o tenente J. Botelho da Costa
1.^o tenente Alfredo Caçador — 1.^o tenente Quirino da Fonseca — 2.^o tenente Joaquim Costa — 1.^o tenente Vieira da Fonseca
2.^o tenente Carlos Villar — 2.^o tenente Affonso de Carvalho

Photographia tirada para Illustração Portugueza por „deferencia_especial e“El-Rei)



Officiaes do exercito presenciando os exercicios

cinzento mesclado que se adota agora para serviços internos, e que é igual ao usado já ha tempos pelas praças do exercito.

Foi, em verdade, uma festa altamente sympathica;

mas foi, mais que tudo, uma prova eloquente do progresso que teem adquirido no nosso paiz os exercicios physicos, hoje parte integrante e indispensavel a toda a educação tanto civil como militar.



A *equipe* vencedora da lucta de tracção com o seu instructor o sr. tenente Couceiro

(Clichés de Bemil)

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES — FORNECEDORES da CASA REAL

Somatose

Reconstituinte de primeira ordem.

Estimula fortemente o appetite.

Farbenfabriken vorm. Friedr. Bayer & Co., Elberfeld.

Bicyclettes

Linon. Recebeu-se nova remessa da nova marca de bicyclettes «Imperial», ultimamente adquirida por esta casa e que tão lisonjeiro acolhimento tem tido devido não só à sua elegancia e boa qualidade de fabrico e de todos os accessorios como bem esmaltada e de quadro tracejado que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectores ingleses, buzinas, lanternas e correntes, etc. etc. Já está em distribuição o novo catalogo de 1906-1907. Descontos para revenda.



J. CASTELLO BRANCO, Rua do Seccorro, 48 e Rua de Santo António, 32 e 34 — LISBOA

A mais importante casa de automoveis em Portugal



BEAUVALET Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (frente ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 4\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro



Sociedade de seguros mutuos sobre a Vida

Sede social: RIO DE JANEIRO — Filial em Portugal: Largo do Camões, 11, 1.º - Lisboa

A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

Já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. A Direcção local resolve sobre todos os assumptos, inclusive a approvação de propostas e pagamento da sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

DIRECTORIA DA FILIAL

Presidente: Conselheiro Julio Marques de Vilhena, governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado honorario.

Vice-presidente: Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, Ministro de Estado honorario e lente da Escola Medica.

Director consultor: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga Reis, Torcal, Advogado.

Director medico: Dr. Henrique Jardim de Vilhena.

Gerente: M. A. de Pinho e Silva.

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro

Dotações de creanças

Unicamente adoptado pela EQUITATIVA

de 1 aos 15 annos

Nos sorteios de abril e outubro de 1905 e abril de 1906 foram contempladas as seguintes apolice recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

20180 — D. Amelia Marques da Costa Barros, Porto.....	11000\$000	20330 — Dr. Antonio Cesar Almeida Reina, Figueira da For.....	21000\$000
20070 — Dr. João Maria da Costa, Alpiarça.....	11000\$000	20755 — José Fernandes Rodrigues, Lisboa.....	21000\$000
20291 — Lino Joaquim de Almeida Aguiar, Lisboa.....	11000\$000	20851 — Abilio de Mattos, Ponte de Lima.....	11000\$000
20899 — José João Telhada, Santarem.....	11000\$000	20613 — M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho, Lisboa.....	11000\$000
20318 — D. Maria da Silva Catharino, Alpiarça.....	11000\$000		

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premios-prospectos e outras informações que forem dirigidas a

Filial d'A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º - LISBOA

Agente em Paris:—Camille Lipman, 26, Rue Vignon